

Ênio Brito Pinto

PSICÓLOGO e PSICOPEDAGOGO - CRP 06/ 14.675

## ***PARA QUE MUNDO EDUCA(R)MOS?#***

*“A língua é minha pátria  
E eu não tenho pátria  
Tenho mátria  
E quero fráttria”*

*Caetano Veloso*

Há alguns dias, uma amiga pediu-me assessoria numa dúvida que tinha para uma palestra que estava redigindo. Ela queria saber como é a concordância para a palavra ‘compaixão’. “É ‘compaixão por’, ‘compaixão de’ ou ‘compaixão com’?” perguntava-me ela. Depois de verificar num dicionário de verbos e de responder a ela, fiquei eu em casa pensando na dúvida apresentada pela minha amiga. Acabei chegando à conclusão de que ali estava uma pessoa não completamente globalizada: ela ainda era capaz de se compadecer.

Diz o dicionário que ‘compadecer’ tem, dentre outros, o significado de ‘condoer-se, comiserar-se’. Estes três verbos – compadecer, condoer, comiserar – indicam sentimentos que a globalização, da forma como está sendo feita atualmente, pretende aposentar.

E é sobre isso que quero falar um pouco com vocês: como podemos entender a influência da globalização no comportamento das pessoas e nos processos de ensino e de aprendizagem. Vou caracterizar sucintamente o que entendo por globalização, sua ideologia, suas implicações sociais, sua base psicológica, sem esquecer de também refletir sobre como se dá o exercício da sexualidade nestes tempos de globalização e sem esquecer também de como podemos fazer uma correlação disso tudo com a Orientação Sexual.

---

# conferência proferida no V Encontro de Psicopedagogia do Ceará, em Fortaleza, em 20/05/2000, promovido pela Associação Brasileira de Psicopedagogia, Seção Ceará  
artigo publicado na revista Psicopedagogia, vol. 19, n° 52, setembro/2000, São Paulo, p. 48/56

## A GLOBALIZAÇÃO

Parto do pressuposto de que a globalização é um dado inexorável do mundo de hoje. Ela está aí, não pode ser negada e tampouco permite recuos. O avanço das técnicas modernas – principalmente na informática, na genética, na bioquímica, na eletrônica e na comunicação – é uma conquista da qual, como seres humanos, só podemos nos orgulhar. No entanto, é preciso e urgente que reflitamos sobre o como e o para quê essas técnicas podem ser – ou estão sendo – usadas: se para o progresso do ser humano ou se para sua escravização. Em outros termos: que mundo estamos construindo e, por extensão, para que mundo estamos educando nossas crianças e nossos jovens.

Para Jacques Chonchol, a globalização se dá principalmente a partir de quatro planos: o financeiro, o da estratégia das empresas em busca de novos mercados, o do desenvolvimento de novas técnicas de produção e de novas produções e, por fim, mas não menos importante, num quarto plano que se manifesta “nos modos de vida e nos modelos de consumo, o que influi de modo decisivo sobre as culturas dos diversos povos.”<sup>1</sup>

Para Milton Santos, “a globalização atual é perversa, fundada na tirania da informação e do dinheiro.”<sup>2</sup> Argumenta o professor que a base do processo globalizante nos dias de hoje se fundamenta no uso da informação de maneira tendenciosa e deturpada em prol do mundo financeiro. Lembra ele que nunca como hoje o dinheiro na sua forma pura foi tão central na ideologia vigente, pois vivemos um mundo em que a ciranda financeira é básica no sustento do *modus vivendi*, tornando a globalização o ápice da internacionalização do capitalismo.

---

<sup>1</sup> Chonchol, Jacques, *Globalização e neocolonialismo*.

<sup>2</sup> Santos, Milton, *Por uma outra globalização*, p. 15

Assim como o capital, as empresas já não têm mais compromissos com os lugares onde se instalam, muito menos com as pessoas desses lugares: o que importa são os lucros, e a produção é feita aonde eles forem maiores, independentemente de qualquer compromisso social.

Podemos, além disso, observar que a globalização se fundamenta numa transferência de poder do Estado para as grandes grupos transnacionais, os quais estão geralmente associados aos Estados dos sete grandes países que hoje dominam o mundo, numa espécie de neocolonialismo, no qual já não importa mais conquistar territórios, mas, antes, conquistar mercados.

É ainda Jacques Chonchol quem nos alerta: “(...) alguns especialistas dizem que vivemos uma nova forma de colonialismo dirigido agora pelas firmas transnacionais que pode empobrecer e levar à marginalidade a mais gente, destruir mais culturas e causar mais desastres ecológicos que o colonialismo de antigamente imposto pelos sistemas clássicos de dominação cultural.”<sup>3</sup>

De fato, o que observamos no mundo hoje é uma exclusão social de tal monta que seria inimaginável há algumas décadas. Isso porque a busca de competitividade e de aumento de produtividade deixou de ser um meio para a globalização para se tornar um fim em si mesmo. Para Milton Santos, a competitividade substituiu no mundo atual a competição. Ele as diferencia dizendo que a competição está sujeita a regras morais, o que não acontece com a atual competitividade, movida apenas pelo lucro imediato. Desta maneira, a “globalização se realiza, mas não a serviço da humanidade e mata a noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada.”<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Jacques Chonchol, *ibidem*

<sup>4</sup> Santos, Milton, *op. cit.*, p. 65

Isso se dá porque as novas tecnologias precisam de menos mão-de-obra, condição fundamental da competitividade, o que se soma ao domínio do mercado de consumo como o atual grande formador de identidades e balizador de desejos.

Em todo o mundo (e não apenas nos países subdesenvolvidos) o desemprego é o grande drama de nosso tempo. É falsa a idéia de que o progresso resolverá o problema do desemprego. Numerosos empregos de menor qualificação “se vêm condenados a desaparecer. Um número cada vez maior de assalariados se encontra ameaçados pela introdução de técnicas aperfeiçoadas de informática, com os empregos correndo o risco permanente de serem deslocados e carecendo de sentido num mundo cada vez mais automatizado. As perspectivas que se abrem para muitos são traumáticas.”<sup>5</sup>

Já não há mais segurança no emprego, já não há mais, para a maioria das pessoas, a garantia de que, ao fim de um dia de trabalho, outro se sucederá. De fato, “há pouco espaço para a vida vivida como um projeto, para planejamento de longo prazo e esperanças de longo alcance.”<sup>6</sup>

Associado ao desemprego crescente, outro dado importante na globalização é o consumo. Nunca como agora o valor do consumo foi tão determinante para uma cultura. Cria-se, então, uma cultura do desperdício, uma cultura de aparências, baseada em uma tremenda desigualdade social, semente para uma era de violência como ainda não houve igual.

Violência social, violência ecológica, indivíduos assustados, cada vez mais incapazes de olhar o Outro como semelhante, cada vez mais incapazes de compaixão. Um mundo de exclusões, agravadas pelo despreteção social, como se o desejo por um estado de bem-estar fosse um despropósito e não um direito de cada e de todo cidadão.

---

<sup>5</sup> Chonchol, Jacques, *op. cit.*

<sup>6</sup> Bauman Zygmunt, *O mal-estar da pós-modernidade*, p. 50

Em recente artigo na Folha de São Paulo, Marilena Chauí comenta que o Brasil é o terceiro país do mundo em índice de desemprego, fala do “montante absurdo de gastos públicos e privados com a segurança”, para concluir que “o quadro é de apartheid social e de guerra civil tácita.”<sup>7</sup>

Chauí lembra que um flanelinha ganha mais do que um professor, que um pedinte ganha mais que uma faxineira, para depois observar que é geralmente aquele trabalhador que seria dos mais combativos em termos de movimentos sociais que é a primeira vítima do desemprego. Ela conclui o artigo dizendo que “pode-se pensar, então, que a fome de uns e o medo de outros, o crime organizado, de um lado, e a desmontagem do Estado, de outro, tecem a violência, a insegurança e o horror contemporâneos.”<sup>8</sup>

A base para essa guerra civil não declarada que vivemos hoje, principalmente nas grandes cidades brasileiras, é a cultura de consumo. Vejam que eu digo que o problema é a cultura do consumo, não o consumo em si: consumo e mercado sempre existiram na história da civilização humana, mas não da forma como se dá hoje. No Brasil, esta cultura de consumo se revela como um mimetismo dos grandes irmãos do norte, fruto do neocolonialismo a que estamos expostos. Esta cultura de consumo tem reflexos em todo o comportamento humano, inclusive na sexualidade.

Assim, resumindo, podemos dizer que a globalização se caracteriza fundamentalmente por uma fluidez financeira jamais vista; uma manipulação da informação em prol do mundo financeiro; um neocolonialismo baseado na conquista de mercados; a conquista de novas técnicas de produção e de novas produções; uma nova moral, narcísica, que gera um novo consumo: o consumidor no lugar do cidadão; um descompromisso das cadeias produtoras com as sociedades e/ou os lugares onde se instalam; a busca do lucro a qualquer custo,

---

<sup>7</sup> Chauí, Marilena, *ibidem*

inclusive através do pagamento de baixos salários; a competitividade no lugar da competição.

As principais conseqüências da globalização são: o desemprego como grande problema mundial; uma crescente desigualdade social; violência; coisificação das pessoas e das relações humanas; a falta de uma postura ética que permita ao ser humano ser solidário e exercer sua cidadania; a troca da autonomia pela previsibilidade para as pessoas; o reinado da estatística contra a autodeterminação das pessoas e dos países; o enfraquecimento da Política em prol do clientelismo; a possibilidade de que apenas uma pequena minoria se aproveite dos avanços notáveis das ciências.

Isto posto, quero agora falar um pouco de como este processo globalizante afeta o exercício da sexualidade humana e a Educação.

## SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

A princípio, é preciso lembrar qual é a base psicológica para o processo globalizante, qual o tipo de personalidade que sustenta este modo de convivência social. Não há dúvidas de que, assim como na época de Freud a personalidade cultural era histérica, agora ela é narcísica. Narcísica e patriarcal.

É uma cultura patriarcal porque baseada no ‘ou-ou’, que define e é definida pela dicotomização. Assim, em nossa cultura a identidade de gênero exacerba as diferenças entre o masculino e o feminino, com conseqüências importantes no exercício da sexualidade, pois praticamente coloca em constante confronto os homens e as mulheres.

Ela é também uma sociedade narcísica porque tem como característica importante o enorme valor dado ao aspecto material da vida como medida de

---

<sup>8</sup> Chauí, Marilena, *ibidem*

progresso, em detrimento do crescimento pessoal e da busca do contato enriquecedor com o Outro. É importante lembrarmos de que o narcisista tem enormes dificuldades com a convivência com as diferenças, com a aceitação das diferenças como fenômenos enriquecedores e não como fenômenos competitivos (como dizia o mestre Caetano, “é que narciso acha feio o que não é espelho”); desta maneira, a sociedade narcisista busca reprimir aquilo que para mim é o ideal da boa Educação, ou seja, facilitar ao jovem a aquisição e o desenvolvimento da autonomia. É óbvio, mas não custa lembrar, que autonomia não tem nada a ver com auto-suficiência, antes pelo contrário. A pessoa autônoma sabe que está no mundo com outros, que precisa desses outros assim como eles precisam dela.

Tenho defendido a necessidade de que incluamos no nosso currículo escolar a Orientação Sexual continuada como um instrumento a mais para facilitar para os jovens a aquisição da autonomia. Não creio que a Orientação Sexual seja ‘o’ instrumento, mas mais um instrumento da Educação, um instrumento de grande poder, como argumento em meu livro.

Porque acredito que o cabimento, a pertinência, os métodos e os propósitos da Orientação Sexual continuada já estejam bem explicitados em meu livro, porque acredito que lá esteja também bem clara a importância do psicopedagogo no processo de orientação sexual, quero propor que conversemos um pouco sobre o exercício da sexualidade neste mundo globalizado. Acredito que por esta via possamos também estar discutindo para que mundo estamos educando nossos jovens e nossas crianças. Não quero, por ora, me alongar mais nas questões que levanto em meu livro e que me parecem importantes, principalmente a questão que diz respeito à Orientação Sexual ser um espaço propício para o psicopedagogo, um espaço que está aí para ser ocupado. Por agora quero me estender um pouco mais no exercício da sexualidade no mundo globalizado.

Penso que a sexualidade é uma variável importante para entendermos o ser humano, porque grande parte da interação entre as pessoas em nossa sociedade (assim como na maioria das sociedades) se dá através de leis que determinam os papéis sexuais. Além disso, não tenho dúvidas de que a sexualidade é fator importantíssimo no estabelecimento da identidade pessoal e fonte de algumas das mais importantes e intrigantes perguntas que as pessoas se fazem no curso da vida.

Como um exemplo da aproximação que podemos fazer entre a Educação e a sexualidade, podemos observar uma tensão facilmente percebida hoje no exercício da sexualidade. Graças aos avanços de algumas ciências, notadamente a Medicina, o tempo de vida humana tem aumentado. Um jovem do ano 2000 tem muitas chances de ver a passagem do próximo século. No entanto, graças à ideologia globalizante, este jovem viverá num tempo para o qual a imediatividade será a norma, principalmente a imediatividade do prazer. Pensemos, então, na questão da AIDS e nos comportamentos exigidos para sua prevenção. O uso da camisinha, na visão da maioria dos jovens de hoje, diminui o prazer da relação sexual. Pois bem, imaginemos um jovem de nosso tempo, pronto para uma relação sexual. Ele usa a camisinha e assim preserva a maximização de seu tempo de vida? Ou ele cede ao máximo de prazer imediato e enfrenta a possibilidade de contrair a doença e abreviar seu tempo de vida? Está criada a tensão, uma tensão que é a mesma, embora com intensidade diferente, daquela do jovem que vive a perguntar para que estudar trigonometria, por exemplo, se isso, na avaliação dele, não vai servir para nada. Se não nos esquecermos de que a aprendizagem é generalizante, será fácil notarmos que se numa aula de Orientação Sexual este jovem resolver bem a tensão quanto à camisinha, muito provavelmente, por ter sua autonomia ampliada, ele poderá resolver com mais facilidade a tensão quanto à aprendizagem de conteúdos formais que não são de aplicação imediata em sua vida cotidiana.

Desta maneira e pretendendo ter deixado bem clara a utilidade da Orientação Sexual, passo a refletir, com base na sexualidade daqui por diante, numa tentativa de compreensão dos caminhos possíveis para a Psicopedagogia e a Educação nestes tempos pós-modernos.

Fundamentalmente, penso que temos, como psicopedagogos, ao lidar com os jovens e as crianças, dois caminhos, o da prevenção e o do trabalho – digamos – curativo. Ambos os caminhos não são excludentes, antes pelo contrário – são complementares e não há como, se queremos um ensino e uma aprendizagem de qualidade, rejeitarmos ou privilegiarmos um ou outro – cada um deles tem seu momento. Para ambos os caminhos precisamos nos localizar em nosso meio ambiente, histórico e social, que é o que tentei na primeira parte desta conversa, ao lembrar que o mundo no qual estamos exercendo nosso trabalho é um mundo por ora cruel e perverso, que tem como uma das características mais marcantes a tentativa de se substituir a sociedade civil pela sociedade de consumo, de uma maneira tal que o Estado tende a diminuir e o mercado a crescer.

## SEXUALIDADE E CONSUMO

Para que possamos entender um pouco melhor a relação entre o consumo e a organização social de nosso tempo, é importante que estabeleçamos desde já uma diferenciação que tem implicações importantes na sexualidade. Um dos ‘truques’ para se implantar a ideologia da globalização é confundir desejo com necessidade. Imagino que, se fizéssemos por aí uma pesquisa, poucas pessoas saberiam discriminar com clareza aquilo de que necessitam daquilo que desejam.

No nível psicológico, nós temos necessidade principalmente de amor e de aceitação. Grosso modo, o resto é desejo. A partir de certa idade, a sexualidade é um meio por excelência para alcançarmos a satisfação da necessidade de amor, mas o que observamos é que, no mundo atual, ela, a sexualidade, acaba sendo

vivenciada como uma necessidade com fim em si mesma. Daqui a pouco falarei mais sobre isso. Por ora, quero falar um pouco mais sobre o consumo como base ideológica da sociedade globalizada.

No Brasil atual, em muitas escolas já prevalece o código de defesa do consumidor como orientador importante da relação professor-aluno. Muitas atitudes educacionais acabam limitadas – quando não proibidas – porque aparentemente feririam o estatuto do consumidor. Numa escola em São Paulo, por exemplo, os professores foram proibidos de colocar qualquer e todo aluno para fora da sala de aula por questões disciplinares. O argumento da direção da escola era de que os alunos pagaram para ter um número x de aulas e deveriam receber essas horas, sem exceção.

Não é à toa que o estatuto da criança e do adolescente tenha menor ‘sucesso’ que o código de defesa do consumidor: podemos definir nossa sociedade atual como sociedade de consumo porque é o consumo o responsável pela coesão da sociedade nos dias de hoje. O lado positivo disso é uma melhora na qualidade material de vida, fato inegável que observamos facilmente hoje. O lado negativo é que a manipulação ideológica fica mais facilitada, uma vez que, no capitalismo moderno, o mimetismo dos valores do colonizador faz praticamente desaparecer os valores regionais e históricos de cada população.

Que correlação isto teria com a sexualidade? Penso que invertemos hoje, principalmente através da propaganda, a ordem entre desejo e consumo, de tal maneira que não é o desejo quem regula o consumo, mas, antes, é o consumo que acaba por ‘regular’ o desejo das pessoas. Se o que regula os desejos é o consumo, se o que se consome são objetos, é então muito provável que se vá objetificar as pessoas para poder fazer incidir nelas o desejo. Em outros termos, a questão é a seguinte: se a lógica que regula o mundo de hoje é o consumo, como isso se reflete e como interfere no exercício da sexualidade?

A puberdade e a adolescência marcam um período em que a sexualidade emerge com toda a sua força. É em parte por causa da eclosão tão abrupta da capacidade sexual e da consciência desta capacidade que grande parte das fragilidades típicas dessa época da vida humana têm sido depositadas em um conteúdo sexual. Exatamente por causa dessa fragilidade, a ideologia globalizante lida – à maneira das religiões em outros tempos – com a sexualidade como uma das melhores portas para a entrada na ideologia do consumo.

O ficar é um bom exemplo disso. Potencialmente bom enquanto meio de auto-conhecimento, potencialmente bom enquanto meio de conhecer-se como ser sexualizado e ser em relação, não raro observamos o ficar como um fim em si mesmo. Devagar, de meio criativo de exploração da floresta da sexualidade, o ficar vai ficando, isto é, os jovens, mesmo quando já capazes de manter relações mais duradouras (ou ao menos de experimentá-las) mantêm-se na esfera do ficar. Um ficar tardio que cada vez tem mais espaço social, exatamente porque, para a ideologia global, é melhor mesmo que Narciso não veja Eco. Assim, o ficar vai-se tornando fim em si mesmo, favorecendo a transformação de seres em relação em objetos que se consomem.

Estamos, então, diante de uma objetificação com que a cultura pós-moderna seduz as pessoas, isto é, a maneira como se cria na sociedade a idéia de que os corpos são, por si sós, objetos de consumo. Trata-se quase que de uma cisão que induz à prática do sexo sem afeto, do sexo pelo sexo, transformando cada parceiro apenas no local de descarga da energia sexual do outro.

Tal maneira de vivenciar a sexualidade, que é exemplarmente descrita no “Admirável Mundo Novo”, de Huxley, retira da sexualidade aquilo que é, de fato, sua maior força e seu melhor propósito para o ser humano, que é ser via privilegiada para o encontro com o Outro. Retira também da esfera da sexualidade

a vivência do amor, que acaba reprimido em prol de um maior gozo sexual e de uma maior possibilidade de troca de parcerias, objetivo maior do sexo banalizado.

Em outros termos, podemos dizer que a ideologia do consumo busca mecanizar a sexualidade como forma de transformar o ser humano em máquina, portanto um ser sem autonomia, sem liberdade, sem poesia. Uma vez transformado o exercício da sexualidade em atividade completamente isenta de arte, está aberta a porta para uma manipulação do desejo humano, para uma massificação do desejo humano (uma massificação que não leva em conta que o exercício da sexualidade no interior de um estado é necessariamente diferente da prática no litoral deste estado, por exemplo).

Essa massificação, que tem na internet uma de suas melhores armas, se dá através, principalmente, do culto ao corpo bem moldado e torneado, o corpo malhado, que acaba sendo vendido como ‘o’ meio de atração entre as pessoas. É o culto ao formato como maneira de banalização do conteúdo.

Não pretendo aqui dizer que a atração física entre as pessoas não seja importante. Não é isso. O que digo é que o desejo humano assume tão variadas formas, parte de princípios tão individuais, que reduzi-lo ao desejo pelo corpo, ao desejo por um tipo de corpo, é mais que banalizá-lo, é menosprezá-lo.

No entanto esta é a premissa básica com que se lida com a sexualidade nos dias de hoje, o que é facilmente constatável nas propagandas, nos ‘out-doors’, nas revistas e nas mensagens subliminares com as quais nossa cultura educa os jovens. Prevenir contra este tipo de uso do corpo é uma das funções da orientação sexual.

No mundo globalizado, mais e mais o sexo é pura sensação, é pura busca de prazer corpóreo, quando muito é busca de provocar prazer no outro, mas apenas o prazer sensorial. O sentimento, a possibilidade de estar olho no olho, coração a coração com o Outro (em outros termos, a possibilidade da intimidade),

não devem ser buscados, pois podem propiciar autonomia, perigo maior para a ideologia pós-moderna.

Na verdade, temos quase que uma inversão de tabus. Se antes tínhamos tantas proibições no campo da sexualidade, se antes tínhamos tantas culpas cercando esse caminho, hoje aparentemente temos uma liberdade até exagerada, uma quase ausência de tabus. Mas isso é só aparentemente. Na realidade, os tabus hoje são outros, mais sutis, mais elaborados, sub-reptícios mesmo. Se antes principalmente as religiões tentavam colocar a sexualidade numa cela despojada e utilitarista, hoje se tenta aprisioná-la numa cela cheia de aparentes confortos, mas ainda utilitária e ainda prisão.

Não vai longe o tempo em que se tentou – através de dogmas\* morais – encarcerar a sexualidade em seu aspecto reprodutivo. As pessoas resistiram, felizmente com relativo sucesso, de maneira que o aspecto prazeroso e o aspecto alavancador de encontros da sexualidade não se

perdeu. Parte da responsabilidade por isso devemos ao avanço da ciência – principalmente através da criação da pílula anticoncepcional – e parte ao avanço do feminismo a partir da segunda metade do século XX. Principalmente na década de 1960, velhos tabus ruíram, novos ares se respiraram, a sexualidade foi finalmente culturalmente vista como algo além do ato sexual. Pudemos discutir questões pertinentes ao gênero, pudemos berrar por paz e amor, pudemos informar um pouco melhor nossos jovens, o amor livre transformou-se em respeitada bandeira. Tudo indicava que caminharíamos para uma vivência mais plena e responsável da energia sexual, principalmente nas camadas mais privilegiadas da população, com grande possibilidade de se expandir essas conquistas por toda a população.

---

\* a palavra ‘dogma’, que vem do grego, originalmente, significava opinião; depois seu sentido foi mudado para ‘verdade revelada’.

No entanto, o que observamos hoje é que houve um, chamemos assim, ‘efeito mola’. Uma vez liberada parte da pressão que se exercia sobre a sexualidade, ela como que explodiu e assim se criou um dos mais importantes tabus de nosso tempo: o que era proibido passou a ser obrigatório.

Se antes o prazer era deixado em segundo plano em prol do papel reprodutor do sexo, hoje as pessoas são condenadas a ele. Desta maneira continuam ausentes o cuidado – cuidado para consigo mesmo e cuidado para com o Outro – e a responsabilidade – responsabilidade para consigo mesmo e responsabilidade para com o Outro. Se antes a ideologia pregava o pouco contato com o Outro por causa do pecado, hoje se prega o pouco contato com o Outro como maneira de se prender apenas à própria sensação, distante do sentimento. A preocupação com o prazer do Outro que é pregada no pós-modernismo nada mais é que, na realidade, uma preocupação em engrandecer o próprio ego, quase nada uma preocupação amorosa de servir ao Outro numa troca.

É interessante notarmos uma das pressões a que estão sujeitadas as jovens de hoje: elas têm que transar. O grupo adolescente, representando a cultura, discrimina e quase exclui a jovem que espera o seu próprio tempo e o seu próprio amadurecimento para começar a vida sexual. Muitas meninas, às vezes até mesmo antes dos quinze anos, mas principalmente antes de estarem e de se sentirem devidamente amadurecidas, já estão praticando relações sexuais, não raro nem sequer tendo a possibilidade de imaginar as conseqüências destas experiências para suas vidas. Em outros termos, corpos mecanizados e banalizados, comandados pelo social. Com os meninos a situação é quase igual, com a diferença de que mais antiga um pouco, embora não menos perigosa para o desenvolvimento da autonomia. Porque autonomia é conquista paulatina, par a par com o desenvolvimento da inteligência e a maturidade.

Na época moderna, a sensualidade era condenada porque tentadora, porque aliciadora de condutas imorais. Hoje, no mundo globalizado, o que observamos é a sensualidade condenada por insuficiente. A busca hoje é pelo pornográfico (basta dar um passeio pela internet para perceber isso), pelo mais explícito possível, porque as delícias da curiosidade, o prazer do descobrir, as fantasias geradas pelo misterioso são muito perigosas – podem tocar o coração. Não é difícil imaginarmos o paralelo disso com a educação: a curiosidade é quase que um pecado mortal para a ideologia pós-moderna.

Se na modernidade a ordem era a de que a relação sexual se daria quando do desejo do homem, hoje o que regula a frequência das relações é a estatística, a grande normalizadora de nossos tempos. A mídia em geral é pródiga em fazer matérias nas quais se enfatiza a média, quase que explicitamente declarando que quem foge dela está com algum distúrbio sexual. Um casal que – independentemente das circunstâncias – não transe uma ou duas vezes por semana (a quantidade depende da pesquisa apresentada), não é feliz. Pouco importam os humores, os amores, a situação familiar, ou profissional, ou financeira, ou a qualidade humana da relação interpessoal, a ordem é clara: a felicidade de um casal se mede pela média de intercursos semanais ou mensais, a depender da pesquisa apresentada.

Esse reino da estatística é o reino da massificação, da busca da unificação de comportamentos. Uma massificação que acaba por gerar uma onipotência (principalmente nos jovens) que leva a um exercício irresponsável da sexualidade. O constante aumento de casos de AIDS, o excesso de gravidezes entre nossos adolescentes e o uso excessivo de drogas são os sintomas mais evidentes disso. Mas há outros, sintetizados na falta do amor solidário entre homens e mulheres, sejam parceiros ou não. Em outros termos: falta amor solidário entre parceiros e entre homens e mulheres enquanto gênero. Este raciocínio se aplica também às parcerias homossexuais.

Onde falta amor solidário, sobra amor possessivo, amor inseguro porque não baseado na autonomia e na intimidade. Penso que é função da escola – e, por via disso, da Psicopedagogia – facilitar às crianças e aos jovens o incremento de atitudes autônomas adequadas à idade de cada um, num crescendo que possibilite a vivência da intimidade entre as pessoas. Porque sem autonomia e sem a possibilidade da vivência da intimidade não se aduba adequadamente o terreno para que a solidariedade possa brotar. Somente quando possibilita que brote a flor da solidariedade a aprendizagem pode fazer sentido para os seres humanos e pode facilitar a eles que encontrem um sentido para suas vidas.

#### A EDUCAÇÃO COMO BUSCA DE EROS

Para finalizar, não quero deixar de lembrar que a boa aprendizagem é erótica, depende de uma relação erotizada com o saber e com o conhecimento a ser aprendido. A erotização do aprendizado é que vai dar a ela um sentido, assim como a vida só tem sentido se vivida eroticamente. Eroticamento, no aspecto mais amplo da palavra, aquele aspecto que vem da busca do prazer e que permite e favorece o gosto de saborear, e daí a possibilidade da sabedoria. É essa a grande ponte que vejo ligando a sexualidade à aprendizagem e, por via desta, à Psicopedagogia: a erotização da vida. O verdadeiro desejo de aprender é erótico. Sem Eros, a aprendizagem é apenas mecânica, de repetição, sem criatividade e pouco propiciadora de crescimento.

Penso que a Psicopedagogia tem o dever de favorecer o incremento de Eros na aprendizagem através da criação de um espaço onde o jovem possa ser de fato ouvido e visto, um espaço onde ele tenha a confiança de que pode partir em busca de uma postura ética mais justa e mais solidária. Porque quando o jovem percebe que tem um espaço apropriado e continente para que ele possa, com paciência mas não sem ansiedade, identificar-se melhor em seu corpo, vale dizer, em sua

morada, ele luta melhor por exercer seus direitos e seus deveres enquanto membro de uma sociedade que precisa ser transformada. Conseguindo uma instalação confortável no próprio corpo, tanto melhor e com maior tranqüilidade o jovem poderá se apropriar do conhecimento formal necessário e fazer deste conhecimento o fermento para uma atitude ética e para um crescimento saboroso, lúdico e lúcido em direção a tornar-se cidadão (e não apenas consumidor) do planeta terra.

### Bibliografia básica

- Boff, Leonardo *A Águia e a Galinha: uma metáfora da condição humana*.  
Petrópolis, Vozes, 1997
- Chauí, Marilena Quem semeia ventos colhe tempestades, *Folha de S. Paulo*,  
caderno Mais, 05/03/2000, p. 19
- Chonchol, Jacques, *Globalização e neocolonialismo*.
- Featherstone, M. *Cultura de Consumo e Pós-modernismo*. São Paulo, Studio  
Nobel, 1995
- Heilborn, Maria Luíza (org.) *Sexualidade – o olhar das ciências sociais*. Rio de  
Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1999
- Pinto, Ênio B. *Orientação sexual na escola – a importância da Psicopedagogia  
nessa nova realidade*. São Paulo, Editora Gente, 1999
- Santos, Milton *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro, Record, 2000
- Sung, M. Jung *Desejo, mercado e religião*. Petrópolis, Vozes, 1997
- Sung, M. Jung & Silva, José C. *Conversando sobre ética e sociedade*. Petrópolis,  
Vozes, 1995